



Prof. Dr. Érico Andrade

(Filosofia / UFPE)

erico.andrade@ufpe.br

ericoandrade@gmail.com

Filosofia e Psicanálise

É possível pensar uma psicanálise negra no Brasil?

PROGRAMA / OBJETIVO (S) DO COMPONENTE

O curso tem como foco principal esboçar os principais vetores que poderiam caracterizar uma psicanálise negra brasileira. A minha tese é de que a psicanálise produzida pelas pessoas negras aponta para a anterioridade do racismo em face do complexo de Édipo nos processos de subjetivação das pessoas negras. Para sustentar essa tese tomo como hipótese de que o atravessamento racial se impõe antes da triangulação edípica como estrutura fundante da neurose das subjetividades negras. Ou seja, a neurose das pessoas negras está diretamente ligada ao racismo antes das pessoas negras se inscreverem na triangulação edípica. Para provar essa tese seguiremos uma investigação das obras de Lélia Gonzalez,

Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista com vistas a apontar que o ponto que elas guardam em comum é apostar de que a neurose não pode ser compreendida sem o recorte da racialidade.

METODOLOGIA

Abordagem genética da recepção da obra de Fanon por algumas das psicanalistas negras brasileiras.

Leitura analítica – da estrutura lógica e argumentativa empreendida no texto psicanalistas negras brasileiras com intuito de mostrar a convergência de suas leituras para as questões da racialidade.

AVALIAÇÃO

Auto avaliação sobre o engajamento (participação nas conversas, leituras dos textos e participação das vivências em sala de aula)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FANON, F. *Pele Negra Máscaras Brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, F. *Alienação e Liberdade*. São Paulo: UBU, 2020.

FREIRE, Jurandir. *Da cor ao corpo: a violência do racismo*. Prefácio de Torna-se Negro. SOUZA, S. Neusa. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2018.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente**: significações do corpo negro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2021.

SANTOS, Lopes Ynaê. **Racismo brasileiro**: Uma história da formação do país. São Paulo: Todavia, 2022.

SOUZA, S. Neusa. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Curso

Aula 1. Freud

Se uma palavra pudesse definir a psicanálise, essa palavra seria a contradição. Uma contradição que se inicia, pelo menos tal como concebe Freud, na relação do corpo com a sua dimensão psíquica. A palavra: neurose. É quando se reconhece um descompasso entre o corpo, o que nele se manifesta, e aquilo que o corpo se nos entrega como um diagnóstico fisiológico; como ocorria, por exemplo, nos casos de histeria. No próprio corpo, no seu aparecer como movimento, existe um hiato entre o que se manifesta como comportamento (sintoma) e o que dele se recolhe nos exames como o seu mapa ou a sua topografia. É onde a medicação para. Afinal, se não há nenhuma disfunção orgânica está sendo detectada ou identificada, como medicar alguém? A medicina encontrava nos fenômenos neuróticos (tanto na histeria quanto na fobia e neurose obsessiva) um limite no que diz respeito ao tratamento de certos sofrimentos que no corpo ganhavam materialidade.

O limite não era apenas técnico. A falta de desenvolvimento da neurologia, por exemplo. Certo que a ciência estava muito longe de ganhar a sofisticação contemporânea. Mas esse não é propriamente o ponto. Reconhecer os limites técnicos não se constituiu um óbice incontornável para cuidar das pessoas que se apresentavam na clínica de Freud alegando um sofrimento muitas vezes avassalador. Freud entendeu, talvez por ter sido sensível ao sofrimento que se lhe apresentava, que a questão era de outra ordem. Não se tratava, permitam-me aqui usar a linguagem de Thomas Kuhn, de uma anomalia isolada no conjunto de crenças da neurofisiologia. Algo de mais estrutural se passava naquele ambiente do seu consultório, mas parecia estar longo de ser desbravado pelos mecanismos da medicina de até então. Dentre as formas de abordar os problemas, a mais corrente, a medicação encontrava um severo limite no diapasão entre a manifestação do corpo, seu comportamento, e a sua fisiologia. Outros mares precisariam ser atravessados. E foram.

Mais próximo do consultório do que do laboratório Freud entendeu que a análise tradicional da fisiologia do corpo não lhe subsidiaria um tratamento para lidar com o sofrimento daquelas pessoas com as quais se deparava na sua incipiente clínica. Elas não fingiam. Freud, primeiro, confia que os fenômenos que se lhe apresentavam. Ele não os nega. O sofrimento existe, deve ter pensado ele, e um cientista não opera uma mudança na ciência simplesmente desprezando os fatos por se apegar mais a teoria do que àquilo que as observações indicam. Na sua clínica ele inicia o processo de acolhimento, essencial, como veremos, para o tratamento psicanalítico e que se transformariam em recomendações técnicas e igualmente éticas (Ver texto ?).

Para iniciar o processo de compreensão daquilo que é um sofrimento não redutível às questões fisiológicas era preciso ouvir o que aquelas pessoas poderiam dizer sobre o próprio sofrimento. O testemunho pessoal, relato pessoal, tinha que ser levado em consideração para acessar de algum modo as raízes daquele sofrimento. É preciso escutar o sofrimento. Acolher é escutar. E falar será o caminho da cura; como Freud paulatinamente se daria conta.

Freud acreditava que não se trata de um limite científico estritamente científico o que dificultava o tratamento das pessoas neuróticas. O limite não era da ciência *per se*, mas do método. Não se pode compreender os fenômenos psíquicos seguindo o mesmo modelo metodológico da neurologia. Não se

trata de abandonar a ciência, mas de reconfigurar o seu método (ver: Paul Assoun na sua Introdução à epistemologia freudiana) com vistas a sua adaptação ao fenômeno. Como se Freud aqui operasse numa espécie de empirismo construtivo, como pontuava Van Fraassen no seu livro *A imagem científica*. Isto é, não se trata de uma descrição exaustiva e absolutamente fidedigna de uma realidade psíquica e da materialidade que lhe sustenta no plano da natureza. O ponto é promover uma ciência cujo método permita um acolhimento daquilo que se pode observar para além do sintoma imediato qual seja: o discurso sobre o próprio sofrimento. O desafio o método é se adaptar ao que a clínica oferece como observável. É preciso de um método para compreender o que é dito sobre o que se sofre.

É preciso oferecer à escuta um norte. Um caminho. A palavra é método. E Freud o encontra na noção de análise. É nessa perspectiva que é fundamental frisar o termo *análise* que compõe a palavra psicanálise como o fez, certa vez, o próprio Freud. A sua origem grega, que está inscrita num debate sobre o método matemático, nos oferta uma pista demasiadamente sugestiva para compreender o modo como narramos a nós mesmos. Ao contrário da síntese, ordem demonstrativa própria de quando se pretende apenas apresentar as verdades, já previamente dadas por um processo investigativo, a análise não opera com uma verdade dada que precisa ser demonstrada. Ela constrói um caminho para a descoberta. Ela é inventiva como dizia Descartes em outro arco do tempo, mas fazendo referência à análise grega.

A análise para chegar à descoberta incorpora elementos ainda não conhecidos como parte – cadeia – do processo demonstrativo. O seu segredo, como costumava dizer Descartes, consiste em ordenar o que se conhece e o que não se conhece numa mesma cadeia de raciocínio porque o conhecimento da totalidade permitiria, após a análise das partes, chegar ao termo desconhecido. A análise é, em suma, relacionar numa mesma ordem narrativa – demonstrativa no caso da matemática – o que se conhece e o que ainda não se conhece para que o conhecimento da totalidade narrativa possa iluminar algumas partes obscuras do discurso sobre si.

No contexto da psique humana a análise pode operar no sentido de reconstruir uma narrativa de si em que os acontecimentos sejam ordenados de modo diverso do habitual com vistas a recuperar o que nos passou despercebido. A construção de uma narrativa de si feita de modo livre – a livre

associação – permite que tomemos consciência de fragmentos, rupturas na ordem discursiva, para os quais havia uma sombra governada pelo recalque. Isto é, a narrativa de livre associação estabelece uma nova ordem discursiva sobre si em que alguns pontos emergem como fragmentos dos quais não tínhamos consciência e que passam a configurar uma nova narrativa de si.

É nesse sentido que se pode fazer a oposição entre análise e síntese. O objetivo da psicanálise não é de modo nenhum tecer uma síntese de nossas vidas; como se pudéssemos traçar um caminho que uniria as nossas diferentes vivências num solo comum. Notadamente, em cada momento em que me narro não apenas a minha narrativa muda, mas eu mesmo mundo com ela.